

da evocação da sua presença. É portanto possível que o costume de Vilarinho represente o que resta de mais uma manifestação dessa natureza, com o sentido que lhe é dado na versão dinamarquesa, que aqui já se teria esquecido.

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA.

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

### O «Jeu de Toupiole» em Portugal

No Vol. XIII, Fasc. 3-4, destes «Trabalhos», demos a págs. 267 a notícia de uma brincadeira observada perto de Coimbra, na época do Carnaval, que consistia no atirar de cântaros de barro de umas pessoas para outras, no meio da rua, e que relacionamos com o jogo francês da «Toupiole», nesse país diversão específica do Carnaval, e também usada nos casamentos, com o carácter de prática promotora da felicidade (*porte-bonheur*). Naquela ocasião nada pudéramos investigar acerca do jogo coimbrão, que contudo nos pareceu dever interpretar-se de acordo com o francês. De então para cá, porém, recolhemos mais exemplos do mesmo jogo em outras localidades portuguesas, que, como aquele, apresentam efectivamente um carácter definido e conciso de periodicidade, parecendo assim apoiar a hipótese que admitíramos em Coimbra; referimo-nos aos jogos do «Pucarinho», de Silgueiros, perto de Viseu, também próprio do Carnaval, em que, como ali, se atira um púcaro de umas pessoas para as outras até este cair e se partir <sup>(1)</sup>; o do «Cântaro», de Freixo de Espada à Cinta, mais uma vez próprio do Carnaval, que se joga do mesmo modo mas em que aquele que o deixa cair paga qualquer penalidade; e o da «Cantarinha», de Quintanilha, na raia transmontana a leste de Bragança, por seu turno próprio do dia da Ascensão, em que, após um peditório de cântaros velhos que se transportam enfiados numa vara pela asa, as pessoas, dispostas em redor do amplo largo da povoação, os atiram igualmente de umas para as outras; quando um deles cai ao chão e se escaca, há grande risada e troca, e recomeça-se com outro, até se destruírem todos <sup>(2)</sup>.

(1) Informação de Dorlinda Valente de Melo Cabral, aluna da Faculdade de Letras de Coimbra.

(2) Nos anos em que se juntavam poucos cântaros de barro, arranjava-se um de folha, que fazia as vezes daqueles.

Parece portanto fora de dúvida que o costume de escacar louça velha num dia certo e festivo do ano também ocorre em Portugal com relativa frequência. É sabido que o carácter de periodicidade de um jogo e a sua afectação específica a uma festividade determinada, o indigita em certos casos como reminiscência de qualquer prática mágica ou ritual <sup>(1)</sup>; e, de facto, no jogo francês, essa natureza perdura expressamente no significado de *porte-bonheur* que lhe é atribuído. Nos casos que até agora conhecemos entre nós, porém, tal significado, a ter existido outrora — o que é de presumir, de acordo com a teoria de Frazer — perdeu-se totalmente.

Na mesma publicação, a págs. 249 264, ocupamo-nos do jogo da «Péla» que encontramos na Póvoa de Atalaia, na Beira Baixa, com as características de jogo na rua, misto e periódico, próprio do período quaresmal. Na Póvoa de Varzim, onde é também conhecida, a «Péla», de acordo com a informação de Santos Graça, é igualmente um jogo da rua, misto e periódico, mas próprio, ali, do período dos quarenta dias, entre o sábado de Aleluia e o dia da Ascensão <sup>(2)</sup>.

A «Péla» é uma designação genérica de bola, e, sob essa forma, conhecemos várias menções de um velho jogo de bola, certamente diferente do que estudamos nas duas Póvoas, e com a característica especial de ser exclusivamente feminino. Assim, no episódio da *Odisseia*, Nausica joga a péla com as suas escravas, após o banho e a refeição que tomaram junto do rio onde foram lavar os seus vestidos; no fim, «a princesa atirou a bola a uma das suas cativas, não atingiu a companheira», e a bola foi cair «em um fundo redemoinho» <sup>(3)</sup>. E, pelo seu lado, o

---

(1) Vide: James George Frazer, *Le Cycle du Rameau d'Or*, vol. IX, «Le Bouc Émissaire» (trad. francesa de *The Golden Bough*), Paris, 1926, págs. 157-165, em especial 164. De facto, tal significado só se atinge plenamente quando a periodicidade se refere a jogos de luta ou disputa de objectos; mas a verdade é que a própria periodicidade é já, só por si, altamente significativa. Veja-se ainda a sugestão indicada no citado N.º destes «Trabalhos», pág. 267, nota 2, onde é manifesto o sentido de rito purificador de certas destruições periódicas de coisas, em determinados povos.

(2) A. Santos Graça — *O Poveiro*, Póvoa de Varzim, 1932, págs. 170-171. Informam-nos de que o mesmo jogo é ainda conhecido em Buarcos, como jogo de rua, dos domingos, sem qualquer atribuição especial de datas; e esta circunstância faz supor que ele aí representa o resultado deturpado de uma difusão a partir da Póvoa de Varzim, com base em relações de gente piscatória. Por outro lado, parece que se conheceu outrora em Nisa também um jogo da péla, que se jogava contra um banco, no meio da rua.

(3) *Odisseia*, livro VI, v. 99 e segs.

Arcipreste de Hita, interpelando ou falando em nome de mulheres, diz :

« Querriedes jugar pella... »  
 .....  
 Jugaremos a la pella  
 é otros juegos rreheses... »  
 .....  
 « ... e fazer que la pella  
 en rodar no se tenga. »

e ainda, referindo-se ao seu livro :

« Qualquier ome, que l'oya,  
 sy bien trobar sopiere,  
 puede mas añedir  
 e emendar si quisiere.  
 Ande de mano en mano :  
 qualquier que lo pidiere.  
 Commo pella las dueñas,  
 tómelo quien podiere » (1).

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, analisando o papel preponderante que o sexo feminino desempenhava nas romarias e certas outras celebrações festivas, fala num jogo da « Péla », que era o principal de entre os antigos jogos femininos periódicos de ar livre, próprio do período dos cinquenta dias, entre a Páscoa e o Espírito Santo (2); e, aludindo à menção do *Minnesinger* alemão Von Stamhein, que « desenha em uma das suas poesias um grupo de meninas germânicas caminhando a cantar ao terreiro onde haviam de iniciar os tradicionais jogos da péla, capitaneadas pela Maia » (3), e à do Arcipreste de Hita que atrás transcreve-

(1) Juan Ruiz, Arcipreste de Hita — *Libro de Buen Amor*, versos n.ºs 672, 861, 939, 1629, e também 867: «... é la pelota jugar ».

(2) *Cancioneiro da Ajuda*, Edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Halle, 1904, vol. II, § 429, pág. 900.

(3) *Ibid.*, nota I. A cantiga em questão é a seguinte :

*Vor dē Walde ī eime tal  
 da sach mā swēze blīkē  
 da si zemen kamē vñ mangan kranz  
 die megde wurfē ōch dē bal  
 si begvndē strichē.*

*dar nach hūb sich des meien ein vil michel tanz  
 dē sang in bele vor vñ manig ir gespil*

mos em último lugar, diz que ele era praticado em todos países da Europa.

Nestes exemplos, trata-se de um jogo feminino de bola, em que esta é atirada de umas mulheres para outras — «die megde wurfen... den bal» —, e apanhada, dentre elas, por «quien podiere», fazendo-se por que ela «en rodar no se tenga», isto é, nunca caia ao chão (1). Notamos desde já que, sob esta forma,

---

*froidē vil  
hatē sie  
in was dort wol got helpe vns hie.*

De que com a devida vênia damos a seguinte tradução, com desculpa de eventuais inexactidões:

*Num vale em frente da floresta  
Viam-se espectáculos de dança  
Quando as raparigas se juntaram  
e lançavam umas às outras grinaldas  
e também a bola.  
Começaram a tocar rabecas  
e então armou-se uma grande dança de Maio  
Então muitas das suas companheiras  
cantaram-lhe bailadas.  
Muita alegria elas tiveram  
e que Deus nos ajude agora aqui.*

(1) Vieira, sub voc. *Pella*, que define como «pequena bola elástica, feita de diferentes materiais», fala, sem o descrever, de um jogo da pella», «que se faz com a bola deste nome», citando um passo do cap. 22 da *Crónica de D. João II*, de Garcia de Resende, e uma carta do Cavalleiro de Oliveira, que a mencionam, aludindo ao local ou recinto onde ele era jogado; do mesmo modo, nas *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, alude-se a uma pendência entre fidalgos, que teve lugar «em o jogo da péla» (Ed. de Damião Peres, vol. II, Porto, 1939, pág. 119), e, noutro local (ibid., vol. I, Porto, 1938, pág. 83) cita-se, a propósito de acontecimentos da corte, o anexam: «jogando a fortuna à pelota com uns e outros»; e nesta acepção, com idênticas implicações, conhecemos ainda o «Jogo da Bola» do jardim de Santa Cruz, de Coimbra. Gil Vicente fala também num jogo em que «hum mancebo», a jogar «cos pranches pella do vento», «parece que anda no ar» (*Triunfo do Inverno*, I); e Vieira, utilizando a nota respectiva de Mendes dos Remédios, define «pella de vento» como sendo uma «bexiga cheia de ar, e coberta de couro, que serve também para jogar». Estes jogos não são de rua, nem aparentemente femininos, e parecem referir-se ao jogo da péla que é o antepassado do actual *tennis*, e que, com diversas formas — a «péla curta» e «comprida» —, foi inventada em França no século XIII, e rapidamente difundido pela Europa, conhecendo uma grande voga até finais da Idade Moderna; ele jogava-se

existe entre nós o jogo feminino da «Péla ao comprido», de Idanha-a-Nova, de que fala Lopes Dias (1), que encontramos igualmente em Nisa, próprio, com efeito, em ambas as regiões, da época da Páscoa.

A mesma ilustre cientista nota que, a partir de Fernão Lopes, o vocábulo «Péla» passara a designar, em sentido derivado, uma bailada popular, «certamente simbólica, em que uma rapariguita, em pé nos ombros de uma mocetona robusta, cujos passos de dança repetia àgilmente, servia de *pella* a essa» (2), e que fazia parte de diversas procissões festivas, nomeadamente a do Corpo de Deus (3); e acrescenta, concluindo: «Está claro que nem por

em recintos fechados próprios — de que resta um exemplo no «Jeu de Paume» das Tulherias, em Paris —, ou ao ar livre, em locais também próprios, tais como os que atrás indicamos; a bola era atirada por sobre uma corda atravessada a meio do campo, a dividir os dois partidos, que fazia as vezes da actual rede, por meio de raquetas ou pás — certamente os «pranches» vicentinos. É esta a «Péla» que respeita o «Enigme en prophécie» do capítulo LVIII do *Gargantua*, de Rabelais, de pitoresco sentido ambíguo.

Vê-se claramente que o jogo da péla de Póvoa de Atalaia, na sua forma exterior, nada tem que ver com estes outros, femininos ou masculinos, que apontamos; ele deve derivar de mais outro jogo da péla que, ou possuía originariamente características definidas de jogo periódico, ou foi posteriormente absorvido por outro que as possuía, operando-se uma sobreposição de elementos primitivos de origens diversas, que nele se teriam fundido.

Há, assim, deduzidos dos factos actuais, ou mencionados em textos, a considerar múltiplos jogos antigos da péla, cujos vários elementos constitutivos devem ulteriormente ter-se combinado de modos diversos:

a) o velho jogo feminino de que falam Von Stamhein e o Arcipreste de Hita, e que cita D. Carolina Michaëlis, que se podem relacionar com o da *Odisseia*;  
 b) os diferentes jogos de péla masculinos — pela curta e comprida, etc. —, com raquetas, que mencionam Rabelais, Garcia de Resende, o Cavaleiro de Oliveira, as «Monstruosidades», etc., e que será talvez também aquele a que alude Gil Vicente;

c) o jogo que está na base e origem da «Péla» das duas Póvoas.

(1) Jaime Lopes Dias — *Etnografia da Beira*, vol. VI, Lisboa, 1942, pág. 165.

(2) *Cancioneiro da Ajuda*, loc. cit.

(3) *Ibid.*, pág. 901: em Coimbra, Porto, e certamente também em Lisboa. Na procissão «do Corpo de Deus, eram as corporações femininas — regateiras, peixeiras, padeiras — que contribuíam por dever de ofício ao festejo com *pellas* (duas) bem corrigidas e louças», que «deviam ser forçosamente cantadeiras e bailadeiras industriais, daquelas *non-nobres, facientes roydo e corrientes por las calles*... Ao som da gaita galega e do tamboril, doze moças com pandeiros e adufes cantavam então *toadas ao antigo*, a dois coros. Hoje, esta *pella* está quase extinta. Nos lugarejos onde perdura, p. ex., em Puente-Áreas da Galiza, está divinizada e virilizada por completo. São rapagões os que a dançam, servindo de peanha a meninos que vestidos de archanjos vão ao rythmo de um cantar brandindo espadas...»; mas o carácter mundano que ela tinha outrora transpa-

isso o jogo da pella desapareceu, posto que hoje esteja pouco popular (nas aldeias a pella é substituída pelo *púcaro* e por laranjas)» (1).

Ignoramos se qualquer investigação histórica, de textos ou factos, que desconhecemos, estabelece esta aproximação entre os jogos da péla e dos púcaros, e a relação de dependência ou sequência cronológica do segundo para com o primeiro. O jogo dos púcaros é, com efeito, como o da péla a que alude D. Carolina Michaëlis — e não apenas no nosso país —, um jogo da rua, cerimonial e periódico, conhecido em muitas localidades, países e povos, e próprio geralmente de dias certos festivos — do dia da Ascensão, em Quintanilha, como vimos, mas carnavalesco as mais das vezes de que temos notícia (em conformidade de resto com o seu carácter jocoso) —, em que essas peças de louça, do mesmo modo que a bola, são atiradas de umas pessoas para as outras, esforçando-se cada um por evitar deixá-las cair ao chão; mas, tal como é conhecido histórica e actualmente, ele nada tem de especificamente feminino; e além de isso, a sua larga difusão e o seu sentido geral de rito purificador, que subsiste por exemplo na virtude de *porte-bonheur* que, em França, lhe é atribuída, justifica, a seu respeito, a hipótese de uma invenção autónoma e presumivelmente muito remota.

#### ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA.

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

---

rece por vezes em certas quadras e estribilhos que acompanham tais danças (do *maneo* ou da *pella*):

« *Baila, nena, baila nena, e non pares de bailar,*  
« *Que as estrelas tamen bailan sin perder de alumar* »,

e:

« *Como se colean as troitas na agua,*  
« *Assi se manea teu corpo salado,*

« *Como se colean as troitas no rio,*  
« *Assi se manea teu corpo florido* ».

Vieira, *loc. cit.*, dá também esta acepção da palavra *pela*, transcrevendo a definição proposta por D. Carolina Michaëlis para o seu sentido derivado (*Cancion.*, pág. 900, nota 4): «rapariguinha que baila em pé nos ombros de outra maior, repetindo as mesmas cadências que essa faz», e informando, sem citar fontes, que na Galiza se chama *Pela* a uma criança ricamente vestida e montada sobre as costas de um homem, que vai dançando, e que costuma sair nas procissões do Corpo de Deus.

D. Carolina Michaëlis nota ainda que em alemão, a palavra para *Pela*, *Bal*, designa, como em português, simultaneamente jogo e bailada.

(1) *Cancioneiro da Ajuda*, pág. 900, nota 4.